

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

O MAPA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: USO E IMPORTÂNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Camila Santos¹; Maria Cleonice Braga²

1. Bolsista Proibic, Graduanda em Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mylageo@hotmail.com
2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nicebraga08@gmail.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Mapa, Ensino e Geografia

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de pesquisa desenvolvida no decorrer dos Estágios Supervisionados, Componente Curricular obrigatório do curso de licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A referida disciplina foi ministrada com base em pesquisa a partir do Projeto ‘Estágio Supervisionado e pesquisa: possibilidades de produção de conhecimento na licenciatura em geografia da UEFS’.

Para desenvolvimento da presente investigação foi escolhida a seguinte problemática: “Como e quando se dá à utilização de mapas nas aulas de geografia?”. O objetivo da pesquisa foi investigar e compreender as formas de utilização do mapa nas aulas de Geografia e sua contribuição para a aprendizagem dos conteúdos. Essa temática vem sendo discutida por autores como Almeida (2003), Fonseca (2007), Nogueira (2008), dentre outros.

Através de nossa vivência escolar e das observações feitas durante o Estágio Supervisionado foi possível delinear melhor as nossas preocupações acerca da utilização do mapa nas aulas de geografia. Quando o mapa está sendo utilizado? Quais conteúdos estão sendo trabalhados com o apoio do mapa? Que uso está sendo feito desse instrumento didático?

A importância dessa pesquisa se dá pelo fato de ser desenvolvida por uma futura professora, que traves desta pesquisa irá aumentar suas possibilidades de conhecimento e amadurecimento profissional, apreendendo a prática de não naturalizar os problemas de sala de aula e de refletir sobre eles na busca de soluções que melhorem sua ação docente. A divulgação dessa pesquisa poderá contribuir também para que outros acadêmicos e docentes possam discuti-la, questioná-la, ampliá-la, ou até utilizá-la como fonte de conhecimento.

METODOLOGIA

No que se refere ao método, a presente pesquisa foi embasada na pesquisa-ação que é definida por Thiollent (2000, p14) como:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública da rede de ensino estadual de Feira de Santana, que abarca apenas o ensino fundamental. A escola é localizada num bairro periférico de Feira de Santana e atende a população residente no bairro e regiões adjacentes. De pequeno porte a escola tem apenas uma professora de Geografia, a qual foi entrevistada. Toda a pesquisa foi feita no turno vespertino com aproximadamente 29 alunos da 6ª série, acompanhando-os até a série posterior, 7ª.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa foram: materiais bibliográficos acerca da temática pesquisada; observações e reflexões das aulas e do ambiente escolar, a partir das quais foram elaborados diários reflexivos que contribuíram bastante para o entendimento dos problemas vivenciados e serviram de fontes para a aquisição de dados. Em seguida, foi aplicada uma entrevista com a professora da escola acerca do uso do mapa nas aulas de geografia. A minha prática como docente durante os dois (02) meses de regência foi outro momento de coleta de dados para a investigação. Foram planejadas algumas atividades didáticas para serem desenvolvidas com os alunos durante esse período. O objetivo era a partir dos problemas investigados na instituição sobre o uso do mapa, planejar aulas durante a regência que mostrassem que esse recurso, os mapas, poderiam ser utilizados não apenas nos conteúdos referentes a cartografia e como instrumento de localização, mas ir além dessas funções.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Saber pesquisar é tão fundamental para o professor quanto conhecer os conteúdos de sua disciplina. Afinal, para que ele seja um bom profissional é necessário saber procurar, entender e refletir acerca das discussões existentes na disciplina que leciona. Como afirma Lüdke, (1986, p. 01) pesquisar é “promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”. Por isso, pesquisar e produzir conhecimento são habilidades essenciais para qualquer acadêmico, não sendo diferente para os licenciandos. Leituras como as de Paulo Freire (1996, p. 29) ajudou a entender a importância da pesquisa para essa profissão. Em suas palavras:

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.

Esse é o tipo de profissional que foi perseguido durante esse Estágio Supervisionado, um professor que se perceba, antes de tudo, como pesquisador de sua prática, sendo assim, melhor preparado para a dinâmica de uma sala de aula.

Segundo Almeida (2003, p. 17) “É função da escola, preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade, o que exige o conhecimento de técnicas, e instrumentos necessários a representação gráfica dessa organização. Assim, ao estudar o mapa devemos entendê-lo como instrumento que viabiliza a leitura e interpretação do espaço geográfico, sendo assim, imprescindível para uma boa aprendizagem dos conteúdos escolares.

Os mapas devem ser lidos de forma crítica, assim como, devem fazer parte da rotina escolar em sala de aula desde as séries iniciais, pois como afirma Nogueira (2008, p.33), os mapas “[...] são veículos de transmissão do conhecimento. Eles são representações gráficas de determinado espaço geográfico, concebidos para transmitir a visão subjetiva ou o conhecimento de alguém ou de poucos para muitos”.

Para a professora entrevistada, o principal problema que gera a dificuldade de trabalhar com mapas é a falta de utilização constante desse recurso. Ela afirma que se o mapa fosse utilizado constantemente desde as séries iniciais não seria tão comum a dificuldade dos alunos nas séries posteriores. No entanto, ficamos nos questionando se o problema está apenas no fato de utilizar constantemente este recurso. Se o aluno não sabe explorar um mapa na 5ª série, o que podemos fazer? Penso que culpabilizar o ensino das séries iniciais não resolve. É preciso pensar em possibilidades efetivas de melhorar essa situação quando encontramos esses alunos a partir da 5ª série. Outra reflexão a ser feita é que a professora não percebe sua prática como parte do problema, se isentando totalmente da responsabilidade de

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

enfrentamento da problemática de forma a melhorar a aprendizagem dos alunos com e a partir dos mapas.

Outro problema observado e que dificulta a utilização do recurso estudado foi a indisponibilidade desse instrumento na instituição que, segundo a professora, não dispõe de mapas atualizados e de boa qualidade e quantidade para serem explorados nas aulas. Além disso, a maneira como os mapas são armazenados também se transforma em um problema. Eles são alocados na biblioteca da escola de modo que dificulta a utilização desse material, pois além de estarem misturados com materiais de outras disciplinas, são colocados em locais altos, atrás das estantes onde o acesso, por vezes, é dificultado.

Na medida em que nos aprofundávamos nas observações das aulas, cresciam as inquietações referentes ao mapa, a sua utilização e as formas como esse material era armazenado pela instituição. Será que isso acontece em todas as escolas? Será que o local onde os mapas estão guardados nessa escola não é resultado do pouco uso que é feito dos mesmos? É bem provável que se os mapas fossem utilizados com frequência, eles estivessem guardados num local mais acessível.

Mas por que fazer pouco ou nenhum uso de um instrumento tão necessário para o ensino da geografia? Em que momento o mapa se tornou um recurso chato ou difícil de manusear a ponto de ser colocado de lado no ensino de Geografia? Através das observações é possível afirmar que na escola investigada a não utilização de mapas se tornou tão comum que o mesmo se tornou dispensável.

O uso do livro didático como fonte de análise de mapas pelos alunos e pela professora é outro ponto que merece reflexão; por que utilizar apenas os mapas dos livros didáticos? Será que se os alunos trabalhassem constantemente com os diversos tipos de mapa ficariam tão presos aos do livro didático? Será que a utilização constante dos mapas sanaria as dificuldades de qualidade do seu uso? O problema está no aluno que não gosta de estudar com mapas, ou no professor que não utiliza esse recurso de maneira significativa e construtiva?

Outro ponto de discussão da pesquisa é a restrição que se faz do ensino da cartografia em momentos específicos ou em séries específicas. Almeida reconhece a importância dos Parâmetros Curriculares Nacionais indicarem o uso do mapa no 3º ciclo trabalhando com a temática; 'cartografia – como instrumento na aproximação dos lugares e do mundo'. Porém, Almeida (2003, p. 18) ressalva que:

Apesar do destaque que esse documento deu a cartografia ser um avanço, cabe dizer que se cometeu o mesmo equívoco encontrado em livros didáticos, ou seja, concentrar o assunto em um único tópico do programa curricular, como se a representação pudesse ser separada dos conteúdos representados.

Podemos entender assim que existem muitas carências no uso do mapa na instituição investigada. É necessário não apenas reconhecer a importância de utilizar os mapas desde as séries iniciais, como o fez a professora investigada, mas também utilizá-lo independentemente da qualidade do seu ensino nas séries anteriores.

Através das atividades desenvolvidas na regência como questionário de sondagem e avaliação escrita, foi possível perceber a falta de conhecimento de alguns alunos sobre a localização geográfica de seus locais de vivência. No questionário destacamos três perguntas: Quais os continentes conhecidos? Quais as subdivisões do continente Americano? e, Qual o continente em que está situado o seu país?. Para as três respostas obtivemos um resultado de apenas cinco acertos dos onze alunos que responderam o questionário.

Esse resultado foi desanimador por saber que no decorrer de toda a regência utilizamos mapas nas aulas relacionando-os aos conteúdos que iam sendo discutidos, e percebemos através da avaliação escrita que foram poucos os alunos que apreenderam as

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

informações estudadas. Esse resultados nos levou a várias reflexões, muitas das quais não conseguimos obter respostas. O que fazer diante desses resultados? Onde estão as falhas maiores?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos que o mapa, na instituição investigada, é um recurso didático utilizado como elemento de localização e apenas em momentos específicos de conteúdos relacionados à cartografia. Assim, enfatizo a necessidade de repensar a forma de utilização dos mapas nas aulas de Geografia visando potencializar o uso desse recurso para a aprendizagem dos alunos. Utilizar apenas os mapas presentes nos livros e não mostrar aos alunos as variedades de temas e informações que estão contidos nesse recurso é limitar não apenas o próprio recurso como também as possibilidades de desenvolver conhecimentos que cada aluno possui.

É importante reconhecer que o tempo foi pouco para compreender todos os problemas criados em torno da utilização dos mapas nas aulas de Geografia. No entanto, foi possível perceber que existem possibilidades de gradativamente modificar tanto a visão dos alunos quanto dos professores acerca do uso desse recurso. A atividade de usar mapas todos os dias para conhecer características geográficas de diferentes países indicou que, aos poucos, a rotina desse uso pode se mostrar interessante, uma vez que, constatou-se uma crescente participação e interesse dos alunos com a referida atividade.

Constantemente percebíamos também que, ao sortear um país, rapidamente algumas associações eram feitas, como: Esse país jogou contra o Brasil? Eu escutei falar desse país no jornal, mas não sei onde fica. Nesse contexto, o ensino por meio da utilização de mapas pode tornar a aprendizagem do aluno mais significativa, uma vez que ele poderá visualizar os fenômenos no espaço, ao mesmo tempo em que poderá ver seu lugar de vivência inserido numa escala global seja através da política, economia, cultura etc.

Diante das questões elencadas neste trabalho, considero importante que a cartografia e seus instrumentos não sejam resumidos a apenas um conteúdo ou capítulo do livro didático. Nem mesmo simplificados a tarefa de decalcar e decorar nomes de estados e capitais, ou como forma de simples ilustração do que foi discutido. No entanto, considero também a importância de reconhecer as dificuldades em transformar essas práticas educacionais, uma vez que fazem parte de fortes concepções de vida e de formação acadêmica dos professores da escola e dos professores em formação. Para que o mapa seja utilizado como prática pedagógica eficaz é necessário que as academias trabalhem com a concepção cartográfica do acadêmico trazida de suas experiências de ensino básico. Um acadêmico que em toda sua formação inicial não superou suas dificuldades com a cartografia não pode estar preparado para utilizar seus instrumentos de modo eficiente para ajudar na aprendizagem do aluno.

Essa foi uma das mais importantes considerações que podemos perceber ao fim do trabalho. Apesar de criticar as formas de utilização do mapa apenas para o estudo da localização e em capítulos específicos, reconheço, com ajuda de terceiros, que na minha prática de Estágio Supervisionado reproduzi, sem perceber, essa mesma concepção. Isso me fez perceber e refletir sobre o quão forte são as nossas concepções escolares e de vida, assim como, constatar mais uma, das tantas falhas, na formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin de. Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- FONSECA, Fernando Padovesi; OLIVA, Jaime Tadeu. A geografia e suas linguagens: o caso da Cartografia. IN: A geografia na sala de aula. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U,1986

NOGUEIRA, Ruth E. Cartografia: representação, comunicação e visualização de dados espaciais. 2ª ed. Florianópolis. Editora da UFSC,2008

THIOLLENT, Michel J.M. Metodologia da pesquisa - ação /Michel Thiollent.10 ed. São Paulo: Cortez, 2000.